

QUE É A LITERATURA, AFINAL?

WHAT IS LITERATURE, ANYWAY?

Erick Chiaramonte¹

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo suscitar as características fundamentais da literatura, a leitura de mundo que o escritor faz e o especial trabalho com a linguagem, característica de todo texto literário. Buscaremos discutir o pacto entre escritor e leitor de modo que possamos compreender a função de ambos no contexto sócio, político e econômico. A literatura não é simplesmente um desabafo dos escritores comprometidos, mas o desejo de conscientizar aos leitores que é possível mudar o cenário mundial. Esta mudança acontecerá por meio de um pacto entre eles. O escritor é o intermediário entre os acontecimentos e os leitores. Os leitores, por sua vez, têm o compromisso consciente de que a mudança também está nas tuas mãos.

PALAVRAS CHAVE: Leitor. Escritor. Linguagem. Engajamento. Liberdade.

ABSTRACT: *The objective of this article is to raise the fundamental characteristics of the literature, the reading of the world that the writer makes and the special work with the language, characteristic of all literary text. We will discuss the pact between writer and reader so that we can understand the function of both in the context socio, political and economic. The literature is not simply a catharsis of the writers involved, but the desire to raise awareness to the readers that it is possible to change the world scenario. This change will happen by means of a pact between them. The writer is the intermediary between the events and readers. The readers, in turn, have the commitment aware that change is also in your hands.*

KEYWORDS: *Reader. Writer. Language. Engagement. Liberty.*

A literatura sempre esteve presente no centro das discussões acadêmicas. Essas discussões levaram escritores a investigar para, em seguida, produzirem grandes obras com o objetivo de apontar a real função da literatura. Para alguns escritores a arte literária é usada para fins estéticos, isto é, a arte pela arte. Com base nesse pressuposto, eles não se deixaram se abater pelos problemas externos e resolveram permanecer na torre de marfim deificando as suas artes literárias.

Para outros, preocupados com a realidade, viveram na arte literária oportunidade para transformar a sociedade. Descontentes com os acontecimentos políticos de suas gerações procuraram denunciar as injus-

tiças sociais. Eles entenderam que a arte literária por si só não surtia efeito. Era necessário fazer um pacto com os leitores para que as palavras se transformassem em ação.

Não é função do escritor incentivá-los a um levante, mas conscientizá-los a respeito dos problemas que os afligem. A conscientização é isto: tomar posse da realidade. Mas cabe aos leitores fazerem uso da liberdade consciente para fazer valer seus direitos.

1. A ARTE DA PALAVRA

O ser humano está imerso no universo da comunicação. Por meio dele podemos influenciar o comportamento de outras pessoas. A vida é dialógica por

¹ Professor de Literatura no Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida. Graduado em Teologia, Letras e Pós-graduado em Literatura.



natureza, e viver significa participar do diálogo: ouvir, questionar, interromper, concordar, responder, etc. Nesse diálogo participamos inteiramente e com toda a nossa vida. O corpo diz muitas coisas aos outros e eles têm muitas coisas a nos dizer. Antes de tudo, nosso corpo é um centro de informações para nós mesmos.

A linguagem é o ponto central do ser humano. Assim, segundo Gadamer pode-se dizer que:

A linguagem é, pois, o centro do ser humano, quando considerado no âmbito que só ela consegue preencher: o âmbito da convivência humana, o âmbito do entendimento, do consenso crescente tão indispensável à vida humana como o ar que respiramos. Realmente o homem é o ser que possui linguagem segundo a afirmação de Aristóteles. Tudo que é humano deve ser dito entre nós. (2002, p. 182) [1]

No âmbito literário, ler um livro é sempre um diálogo. É um processo de interação que se realiza entre o leitor e autor mediado pelo texto. A leitura de uma obra literária não é um ato solitário como afirmam. É a interação entre indivíduos socialmente determinados: Leitor participa de um contexto sócio-político-econômico, está inserido em uma cultura, têm seus valores éticos, morais e interage com os outros. O autor, por sua vez, também participa de um contexto sócio-político-econômico, está inserido em uma cultura, têm seus valores éticos, morais e também interage com os outros.

A leitura é um processo dinâmico. É sempre um diálogo entre o passado e o presente. Um passado que traz luz sobre o presente e um presente que ilumina o passado. Desse modo, o diálogo entre leitor e autor é um processo que envolve compreensão de mundo. Sobre esse assunto Moita Lopes afirma que:

[...] o ato de ler aqui é visto como um processo que envolve tanto informação encontrada na

página impressa – um processo perceptivo – quanto à informação que o leitor traz para o texto – seu pré-conhecimento, um processo cognitivo. (1996, p. 138) [2]

O diálogo no cenário literário é pura imitação. É o diálogo que imita a vida. Na poética, Aristóteles qualifica como “modos de imitação” (mimeses) a poesia, a tragédia, a comédia, a lírica. A temática desse diálogo consiste nas múltiplas experiências dos seres humanos, em suas vivências. É um diálogo que traz reflexão ao leitor sobre determinada época. Através desse diálogo a vida está sendo imitada no sentido de ser reinterpretada e recriada.

Tzvetan Todorov afirma que “*genericamente, a arte é uma imitação diferente segundo o material que utiliza; e a literatura é imitação pela linguagem, tal como a pintura é imitação pela imagem*”. (1978, p. 15) [3]

Mas como a experiência dialógica pode entrar no universo de vida e de experiência dos jovens? Como conduzi-los à literatura sem que tenham aversão aos textos?

Os jovens leitores precisam compreender que os temas discutidos nas obras literárias são temas também relacionados a eles. São temas que podem levá-los à reflexão sobre si mesmos. Estar sozinho com um livro é ser capaz de conhecer-se. Através da leitura descobrirão que há personagens com problemas iguais ou superiores aos seus.

Autores como Lima Barreto, importante escritor brasileiro, denunciou as políticas do Barão do Rio Branco. Na obra Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá, o personagem Gonzaga, sempre muito crítico, critica ao Barão do Rio Branco pelo uso do dinheiro público em obras que não atendiam aos interesses e necessidades da população que pagava os impostos.

Monteiro Lobato, escritor pré-modernista, publicou uma coletânea de artigos sobre a saúde pública no jornal “O Estado de São Paulo”. Suas divulgações

sobre o estado de saúde do povo provocaram grande repercussão na opinião pública, obrigando o governo adotar medidas efetivas e imediatas.

Machado de Assis também apontou aspectos negativos do ser humano como ciúmes (Dom Casmurro), os sentimentos exagerados de inveja e de raiva (Verba Testamentária – Conto de papéis avulsos), a denúncia tácita da sociedade, por meio da leve ironia e humor (Memórias Póstumas de Brás Cubas).

Além deles, outros muitíssimos escritores viram na literatura oportunidade para expressar os dilemas, sentimentos e muitas vezes a realidade do homem. Desta forma, a literatura é atual mesmo sendo escrita em épocas distintas. O autor leva o leitor à análise de realidades diversas, impulsionando-os ao conhecimento.

A literatura proporciona aos jovens conhecimentos sobre os costumes, a cultura, a organização política e social de determinada região, podendo auxiliá-los por meio de textos de ficção que revelam a maneira de ser de uma sociedade. “*Dizer que ela (a Literatura) exprime a sociedade, constitui hoje verdadeiro altruísmo*” (CANDIDO, 1973, p. 19.) [4]

Por exprimir a sociedade, a linguagem literária é mal interpretada. Isso precisa ser desmistificado, pois a essência da literatura está nas palavras. São por meio delas que os escritores e poetas estabelecem relações com seus leitores. A linguagem literária é conotativa, isto é, ela está para além do significado estrito ou literal de uma palavra, frase ou conceito.

A linguagem conotativa não se refere diretamente à palavra no sentido exato, mas às sugestões provocadas por ela; figurado, metafórico. Ao dizer a uma pessoa que “meu coração sorriu ao vê-la”, refiro-me que estou muito feliz. A palavra “coração”, nesse contexto, é conotativa, ou seja, sentido figurado.

Nesse sentido, a linguagem literária não está fechada em si mesma. Ela passa a ter vida própria, com novas significações. A linguagem passa a ter “sabor”. Enquanto nos textos científicos a linguagem é di-

reta e não permite ambiguidade, a linguagem literária assume novas representações e significados.

Aliás, a literatura assume muitos saberes. Um romance escrito por Daniel Defoe, Robinson Crusoe, publicado originalmente em 1719, no Reino Unido, narra a história de um jovem marinheiro inglês que teve seu navio naufragado. Toda a tripulação morre, exceto Robinson Crusoe. O jovem inglês passou 28 anos em uma remota ilha tropical antes de ser resgatado. O romance é riquíssimo em conhecimento histórico, geográfico, botânicos, antropológico e social.

A literatura é um lugar sem fronteiras, pois concentra outras disciplinas em sua estrutura. Eis o que diz Barthes:

Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas desvessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. (2011, p. 16) [5]

De certa forma, podemos concluir que há outras riquezas expressas nos textos literários. Outro aspecto importante é a capacidade que o escritor tem de usar as palavras apropriadas para “desenhar”, para os leitores, uma série de imagens. Por meio das palavras, o leitor constrói o cenário, as personagens, o ambiente, etc. Assim, o escritor tece um cenário onde somos transportados para dentro do mundo ficcional. Esse mundo ficcional é a expressão de uma época, pois na abordagem dos temas escolhidos, eles revelam um olhar marcado pelo contexto.

2. FUNÇÃO-AUTOR

Mas afinal, qual a função do autor? Os livros não foram escritos em um determinado momento histórico apenas com propósito estético. Sendo a literatura uma arte, a estética é fundamental. Mas, além da estética, a literatura provoca reflexão.



Em entrevista concedida ao jornal O Globo, José Saramago, escritor português, ganhador do prêmio Nobel da literatura em 1998, respondeu à seguinte pergunta:

O GLOBO O senhor crê que a literatura tem alguma capacidade de provocar mudanças no mundo? [...]

SARAMAGO A resposta está na pergunta. Pretendo tocar os leitores, criar polêmicas, estimular discussões. Mas isto não significa que a literatura tenha poder para mudar o mundo. Já não é pouco que seja capaz de exercer influência sobre algumas pessoas. O mundo é demasiado grande, somos mais de sete bilhões os que habitamos neste planeta, e o poder real está nas mãos das grandes multinacionais que evidentemente não nasceram para ser agentes da nossa felicidade. (O GLOBO, 20 mar. 2004) [6]

A literatura não pode modificar a realidade, mas certamente é capaz de fazer as pessoas reavaliarem o próprio comportamento. Além disso, ela tem o poder de provocar a reflexão diante de um mundo em crise e reinventar os alicerces da modernidade.

Pode-se afirmar que a literatura esteve presente em diferentes momentos da história da humanidade. Ela tem um papel crucial: denunciar. Escritores engajados estiveram nas trincheiras escrevendo sobre os fatos que marcaram a história. Escritores como Albert Camus, Prêmio Nobel de Literatura em 1957, filósofo, jornalista, escritor, Argelino-francês. Membro da resistência francesa, durante a Segunda Guerra Mundial, quando da ocupação Nazista na França foi chamado “a consciência de sua geração”.

Cabe aqui ressaltar que, a literatura não é contemplativa, mas prática. Essa visão compromete totalmente o escritor. Aliás, a literatura não é apenas uma visão de mundo, um conhecimento dogmático ou

relativista. É ação sobre o mundo no sentido de que nasce da ação e prepara a ação. Toda literatura que não parte da realidade, é hoje uma literatura necessariamente retrógrada.

É certo, o escritor que vive na “torre de marfim”, numa recusa ostensiva do mundo exterior, contempla comodamente o mundo em crise. Em muitos casos, ele tem consciência de sua geração, mas é alheio às controvérsias que agitam o seu tempo. Ele desvia o olhar de tudo quanto o rodeia e perverte-se no seu contrário: ego.

Pode-se falar que a literatura está a serviço da sociedade. O escritor tem a incumbência de produzi-la “no povo mesmo”. Produzir uma literatura que fala sobre seus anseios e de suas realidades concretas. A função que compete a ele vai além do que meramente informar.

Há no escritor um engajamento que prima pela verdade. Sartre a esse respeito afirma: “O escritor engajado sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão *tencionando mudar*”. No contexto da crise econômica mundial, pela qual estamos passando, é impossível manter a imparcialidade. Para o literato, “a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele”. (1993, p. 20-21) [7]

O escritor é responsável pela solução dos problemas da sociedade em que vive. Ele é o elemento ativo para resgatar o ser humano pisoteado pelas religiões, políticas, guerras, etc. A linguagem literária se torna uma arma capaz de quebrar toda censura. Nesse ponto, a literatura deve refletir o meio em que o indivíduo habita e jamais se afastar dele. A prioridade do escritor engajado é defender a justiça social e trazer as questões para as prioridades da agenda da sociedade.

Emile Zola foi um exemplo de engajamento político ao escrever uma carta para o Presidente da República Francesa intitulada “Eu Acuso! – O processo do Capitão Dreyfus”. Zola, indignado com a prisão



do oficial Alfred Dreyfus, redigiu uma carta expondo o escândalo ao público no jornal literário L'aurore. A carta é uma reprimenda.

O caso Dreyfus veio à tona depois que uma empregada, que trabalhava na limpeza do consulado Alemão em Paris, encontrou cartas suspeitas no cesto do lixo e encaminhou ao serviço secreto francês, que logo concluíram a existência de um traidor no exército francês. Dreyfus era o único oficial judeu entre os que poderiam ter escrito. A missiva era a única prova que fundamentava a condenação do oficial.

Dreyfus foi condenado à prisão perpétua na ilha do diabo, na costa da Guiana Francesa. Ali cumpriu cinco anos de prisão, pois uma revisão no processo mostrou que Charles-Ferdinand Walsin Esterhazy, outro major do exército francês, fora o verdadeiro autor das cartas.

Emile Zola, engajado com a causa do oficial escreveu indignado:

É meu dever: não quero ser cúmplice. Todas as noites eu veria o espectro do inocente que expia cruelmente torturado, um crime que não cometeu. Por isso me dirijo a vós gritando a verdade com toda a força da minha rebelião de homem honrado. Estou convencido de que ignorais o que ocorre. Mas a quem denunciar as infâmias desta turba de malfeitores, de verdadeiros culpados, senão ao primeiro magistrado do país? (...) Antes de tudo, a verdade sobre o processo e a condenação de Dreyfus. (...) (2007, p. 35) [8]

Zola não é absolutamente um revolucionário. Como romancista formado na escola realista, ele pretende dizer a verdade, sem disfarce. Considerado pelas críticas como escritor dos marginais, nunca escreveu por caridade, mas por justiça.

Grandes nomes da literatura ousaram denunciar em suas obras problemas sociais. Além de Emile

Zola, temos outros muitíssimos escritores como Flora Tristan, de pensamentos audazes, que apontou à situação dos operários e das mulheres, que vinham sendo há séculos marginalizados na França.

Todos eles tiveram compromisso de escrever para agir no mundo. Uma postura compromissada, um “estar-no-mundo”, não para recolher dados, mas transformar a realidade.

3. O PACTO COM O LEITOR

Certamente, o escritor engajado não escreve para as gerações futuras, mas escreve pensando no presente. Pois, é no presente que vivenciamos as atrocidades das guerras sem fim, às misérias na África, a exploração do trabalho escravo, a desigualdade social, a corrupção ativa e passiva, etc.

Ao escrever, o escritor engajado tem a consciência de revelar aos leitores os acontecimentos do mundo atual. Assim, ele se torna mediador entre os acontecimentos e os leitores. Sartre declara que

Um escritor engajado quando trata de tomar a mais lúcida e integral consciência de ter embarcado, isto é, quando faz o engajamento passar, para si e para os outros, da espontaneidade imediata ao plano refletido. O escritor é mediador por excelência, e o seu engajamento é a mediação. Mas, se é verdade que se deve pedir contas à sua condição não é apenas a de um homem em geral, mas também, precisamente, a de um escritor (1993, p. 61-62) [9]

Sendo o escritor mediador, cabe a ele despertar a consciência crítica dos leitores por meio das palavras. Por conseguinte, esse processo se dá através da liberdade desde que escreva para um público que tenha liberdade para mudar tudo. Não é induzindo à mudança. No entanto, os leitores precisam ter consci-

ência da sua liberdade para realizar tal ato. Se o escritor, por meio da literatura, ajustar o leitor a seu modo, decerto estará alienando-o.

Mas para que as mudanças aconteçam é preciso que os leitores tomem, por meio de sua liberdade, uma decisão incondicional para transformar a sociedade. Parece utopia, porém a utopia é perspectiva contrária diante da injustiça. Ignorar as injustiças no mundo é considerar-se inocente perante ele. Assim, o leitor precisa ir além dos escritos para transcender e realizar uma intervenção.

Afirma Ouriques que de acordo com o pensamento sartriano, “*ao se dirigir aos corações dos homens, às suas emoções e seu imaginário, o romancista não procura explicitamente impor suas ideias, mesmo tendo sua maneira pessoal de analisar o mundo*”, mas “*acaba intervindo junto ao leitor através das vias que lhe são próprias, sugerindo-lhe um pacto*” e, assim, espera “*sua participação na transformação social*”, pois a literatura, para Sartre, “*pertence ao plano sociológico, baseia-se em critérios de justiça, liberdade e engajamento*” com o intuito de suscitar “*a liberdade existente em cada um de nós.*” (2008, p.43,44) [10]

Diante do desafio, os leitores, primeiramente, precisarão se identificar com os personagens, seus sofrimentos, suas dores, seus anseios, medos e dificuldades. A leitura é muito mais do que decifrar palavras. Ler é mergulhar no universo literário e comprometer-se com o mundo real.

Considerações Finais

A literatura é um importante instrumento para a nossa perfeição, mas para isso precisamos compreender que ler os textos é ler como seres humanos. Lemos Machado de Assis, Lima Barreto, Shakespeare, Dante, Homero, Proust, Mário de Andrade e seus companheiros porque nos enriquece. Dizer que a literatura é inútil para a vida é sinal de que não compreenderam os sentimentos humanos nos textos.

As obras literárias foram escritas não apenas

com objetivos estéticos, mas paixão pela vida. Vários escritores se comprometeram a escrever com o propósito de trazer aos leitores acontecimentos presentes na sociedade. Acontecimentos muitas vezes desconhecidos e outros esquecidos pelos leitores.

Não se pode negar que a função literária é estética, porquanto existe beleza na palavra escrita. A beleza está na escolha precisa da palavra em função de seu valor semântico. Cabe ao leitor interpretá-la, pois um dos aspectos mais importante dos textos literários é justamente a análise do uso que os escritores fazem da língua.

O escritor faz uso das palavras para descrever aos leitores não apenas um mundo de fantasia, mas um mundo real. A realidade é o espaço onde o escritor engajado busca relatar os acontecimentos presentes no cotidiano. Já o leitor deve bradar a sua insatisfação e exigir mudanças no cenário político mundial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método II: Complementos e Índice**. Tradução de Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MOITA LOPES, L. P. **Oficina de lingüística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino-aprendizagem de línguas**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- TODOROV, Tzvetan. **Os Gêneros do Discurso**. Lisboa: Edições 70, 1978.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 3. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1973.
- BARTHES, Roland. **Aula: Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França**. 15. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2011.
- O Globo, Rio de Janeiro, 20 mar. 2004. Entrevista com José Saramago. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/jornal/Suplementos/ProsaeVerso/141256336.asp>
- SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** São Paulo: Ática, 1993.



ZOLA, Émile. **Eu acuso! O processo do Capitão Dreyfus**. São Paulo: Editora Hedra, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** São Paulo: Ática, 1993.

Ouriques, Débora Regina. **Sartre e Merleau-Ponty em torno da noção de objeto estético**. 2008. 120 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.